



“AUTONOMÍA Y DISEÑOS DEL SUR”:

opções a formas de pensar, representar e construir a cidade

Leo Name (CAU UNILA/PPGLC UNILA)

Marcos Britto (CAU UNILA)

RESUMO GERAL

O livro *Autonomía y diseño: la realización de lo comunal* (2016), de Arturo Escobar – um dos principais nomes da teoria decolonial –, faz uma importante desconstrução da crença na neutralidade, encobridora dos falsos dualismos da racionalidade moderno-colonial – civilizado/bárbaro, desenvolvido/subdesenvolvido, moderno/tradicional etc. O antropólogo colombiano argumenta que dita racionalidade também cimenta a ideia de “projeto” (“*diseño*”, no original em espanhol), um dos pilares da modernidade-colonialidade – ela mesma um “projeto de eliminação” da existência de alguns em favorecimento a outros. Seguindo os escritos do designer colombiano Alfredo Gutiérrez Borrero, Escobar nos informa, outrossim, que se todas e quaisquer comunidades humanas projetam/*diseñan*, somente são considerados projetos/*diseños* aqueles com base na lógica instrumental capitalista – como os de desenho industrial, arquitetura, urbanismo, paisagismo e planejamento territorial –, também considerados neutros e universais. Uma falácia, na medida em que normalmente atendem somente a interesses de elites branco-burguesas, pressionam enormemente a base de recursos naturais e limitam as possibilidades de autonomia de variados grupos sociais.

Pensar a cidade do século XXI, sobretudo na perspectiva crítica à produção do espaço urbano capitalista, vindica este debate aprofundado em torno do projeto. Com vistas, inclusive, a *diseños del Sur*: o topônimo é empregado por Gutiérrez Borrero como amostra de um pensamento outro, disruptivo, com base na crítica não eurocêntrica ao eurocentrismo orientada à autonomia e à descolonização de saberes e poderes – o que impõe a redefinição das formas de enunciar, instrumentalizar e praticar o projeto; e que, portanto, abre opções a pensar, representar e construir as cidades.

Esta reflexão é indispensável para a construção de projetos utópicos em/de tempos de transformação – a proposta desta edição do ENANPUR –, na medida em que oportuniza, nas palavras de Escobar, “outros mundos já possíveis”: afeitos às formas de autonomia e coetâneos ao deslizamento epistemológico desde uma falsa universalidade em direção a

uma mais inclusiva pluriversalidade – isto é, a coexistência de distintas realidades e diferentes projetos/*diseños* de vida na cidade.

É complexa a tarefa de traduzir conceitos emancipadores em exemplos práticos – um problema presente na obra supracitada de Escobar, que apresenta projetos de transição do Norte Global que, se analisados em detalhe, mais se configuram como tênues críticas à modernidade-colonialidade, com resultados pouco transformadores. Esta sessão livre reúne, contudo, pesquisadores de três instituições federais de ensino - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) – para enfrentar a discussão sobre a pertinência de alternativas às práticas de projeto no contexto da produção do espaço urbano capitalista.

Sendo assim, os escritos recentes de Escobar e Gutiérrez Borrero que inspiram a sessão livre serão mais bem esmiuçados na primeira comunicação, de Leo Name (UNILA) e Marcos Britto (UNILA), que também tentarão apontar alguns efeitos da naturalização de determinadas práticas no projetar das cidades. Dando continuidade à sessão, a comunicação de Thaís Rosa (UFBA) apresentará opções disruptivas e de experimentação às metodologias e concepções de ensino em torno do urbanismo e do projeto urbano. As duas comunicações seguintes, de Oswaldo Freitez (UNILA) e Adriana Caúla (UFF), versarão sobre traduções, narrativas e análises gráficas que evocam tanto críticas e alternativas às representações gráficas e imagéticas mais usuais e hegemônicas do urbano quanto a inserção mais explicitada do corpo na cidade e no projeto. Finalmente, uma crítica ao uso do código técnico modernista e desenvolvimentista na provisão da habitação e no contexto de assessoria técnica será o tema da apresentação de encerramento, de Gabriel Cunha (UNILA) e Tiago Bastos (UNILA), que defendem apropriações e adequações tecnológicas dos projetos a contextos, especificidades, materiais e saberes construtivos locais rumo ao pluriverso, à autonomia e à comunalidade.

“AUTONOMÍA Y DISEÑOS DEL SUR”: opções decoloniais à ideia de projeto

Leo Name (CAU UNILA/PPGLC UNILA)

Marcos Britto (CAU UNILA)

Centraremos atenção em trabalhos recentes do antropólogo Arturo Escobar e do designer Alfredo Gutiérrez Borrero, intelectuais colombianos alinhados aos escritos decoloniais. Ambos investem em desconstruir a noção de projeto/*diseño*, indagando-se sobre quem está autorizado a projetar, o que se projeta, por que, para quem e para quê. Escobar nos informa que a modernidade-colonialidade é um “projeto de eliminação” a partir do qual sucederam-se efeitos ontológicos: objetos, estruturas, políticas, sistemas expertos, discursos e narrativas em prol da produção social da não existência de alguns. Gutiérrez Borrero, por sua vez, argumenta que ainda que todos os grupos humanos projetem, somente o projeto de cunho industrial, desenhado em linguagem gráfica específica e hermética, é compreendido como técnico, neutro e universal; e evoca a necessidade de se priorizar *diseños del Sur*, mais inclusivos e emancipadores. Tendo em conta estas noções e no horizonte de projetos que desenhavam cidades, argumentaremos que a desnaturalização

de acepções hegemônicas provoca tensionamentos sobre as formas de pensar, representar e construir a cidade e na oposição entre especialistas e não especialistas. Por fim, convocaremos à reflexão sobre opções de projeto que, potencialmente, fortaleçam a autonomia de diferentes grupos sociais na produção do espaço urbano capitalista.

O ENSINO COMO CAMPO DE EXPERIMENTAÇÃO PARA OUTRAS PRÁTICAS DE URBANISMO

Thaís Troncon Rosa (PPGAU UFBA)

A despeito das transformações das cidades brasileiras nas últimas décadas e de sua crescente complexidade e heterogeneidade, entre arquitetos e urbanistas parecem ainda prevalecer explicações gerais sobre “a cidade e sua crise”. Elas são ancoradas em totalidades inacessíveis de um ponto de vista empírico e em abordagens dicotômicas calcadas em categorias como “informalidade” ou “ilegalidade”, que seguem encarando as dinâmicas socioespaciais não hegemônicas pela chave da “ausência” e do “problema”. É dessa perspectiva que propomos pensar o urbanismo como campo de trânsitos, mediações e disputas em que se articulam – não sem conflitos – temporalidades, espacialidades e universos sociais distintos: um campo expandido ou ampliado de experimentação, trazendo para o centro de seu ensino a relação com os praticantes da cidade, suas experiências, as diversas racionalidades e normatividades, as margens, as disputas que ensejam. Propõe-se tensionar o paradigma totalizante e funcionalista que ainda baliza, em grande medida, o ensino e a prática de urbanismo (e sobretudo de projeto urbano) no país, considerando a existência de diferentes “regimes de urbanidade” – o que demandaria, em termos críticos e propositivos, uma atenção às múltiplas maneiras de “fazer cidade”.

REDUCINDO LOS SILENCIOS EN LAS REPRESENTACIONES DE LA CIUDAD

Oswaldo Francisco Freitez Carrillo (CAU UNILA)

Los lenguajes consolidados para diseñar las ciudades están arraigados en una tradición moderno-colonial que selecciona intencionalmente lo que se debe representar o no – y que asimismo los considera neutros. Por otra parte, las representaciones no son meramente descriptivas. Ellas instituyen lo real – o en las palabras del antropólogo colombiano Arturo Escobar, diseñan el mundo. En ese sentido, la complejidad de lo urbano exige retratar las formas de ser y vivir generalmente silenciadas. Para ello, es importante investigar otros lenguajes potencialmente capaces de representar lo generalmente irrepresentable. Con miras a contribuir con las posibilidades de otras formas de representar y por lo tanto diseñar las ciudades, mostraré dos experiencias en distintas escalas de representación. La primera presenta mapas alternativos en una zona transfronteriza entre Brasil, Argentina y Paraguay con enfoque en la movilidad de cuerpos, trayectorias espaciotemporales y cuestiones de género. La segunda, más cercana a la escala de las edificaciones, desarrolla dibujos no convencionales con relación al tiempo, espacio y mano de obra relacionados al diseño para un espacio de trabajo en Foz do Iguaçu, Brasil. En ambos casos, las implicaciones éticas son consideradas de modo a reducirse algunos silencios.

A FIGURA HUMANA FRENTE À CIDADE

Adriana Caúla (EAU UFF)

Proponho desenvolver uma reflexão sobre a inserção e caracterização/representação da figura humana na cidade, por meio de um recorte de imagens criado no campo da Arquitetura e Urbanismo. No pensamento ocidental moderno, pensar o espaço a partir da figura humana é medir suas grandezas a partir das proporções do corpo e de suas articulações, avaliar distâncias pela capacidade de deslocamento humano e atentar para suas qualidades como são percebidas pelos nossos cinco sentidos. Objetivo, contudo, refletir sobre a figura humana para além de sua associação imediata, no campo, com a ideia de escala. A figura humana será tomada como elemento evidenciador de posicionamentos frente à própria cidade; e de como a caracterização e a inserção do corpo na cidade estão ligadas a discursos. Entende-se necessária esta reflexão sobre imagens criadas, reproduzidas, e naturalizadas levando a discussão para além da questão da representação, abarcando, mesmo que de forma preliminar, o tripé sugerido por Ulpiano T. Bezerra de Menezes (2003) para abordar a visualidade: o visual (produção/circulação/consumo); o visível (esferas do poder, visibilidades/invisibilidades) e a visão (instrumentos, técnicas, modelos e modalidades do olhar). Com isso, a abordagem da visualidade como dimensão complexa torna-se evidente, e almeja-se indicar possibilidades de olhares outros.

ASSESSORIA COM TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

“ALTERNATIVAS”:

pluriverso, autonomia e comunalidade

Gabriel Rodrigues da Cunha (CAU UNILA)

Tiago Souza Bastos (CAU UNILA)

Esta palestra debate os projetos e as práticas de assessoria técnica a partir das contribuições da teoria decolonial. Defendemos que, como uma construção soociotécnica, a AT deve englobar, além da comunalidade, prática comumente encontrada nas experiências brasileiras, o pluriverso, a fim de avançar rumo à autonomia. Consideramos que há um tensionamento entre o determinismo tecnológico nos projetos com base em práticas e técnicas construtivas convencionais e as práticas socioespaciais contra-hegemônicas. A utilização, por parte dos movimentos de moradia (sejam rurais ou urbanos), de tecnologias construtivas convencionais – modernas/nistas e de lógica universalizante – silencia as relações de produção capitalista e o racismo nelas intrínsecas, limitando o horizonte crítico a questões exógenas à técnica. O potencial contra-hegemônico das comunidades periféricas organizadas para a produção de moradia digna, especialmente nos mutirões autogeridos, deve se estender ao resgate crítico de técnicas construtivas tradicionais e dos saberes construtivos locais. Partimos do pressuposto de que não é suficiente, ainda que fundamental, rever as relações de trabalho no momento da produção da moradia. Esta revisão deverá vir acompanhada do desenvolvimento de apropriações e adequações tecnológicas caso a caso, quebrando o código técnico modernista/desenvolvimentista intrínseco às tecnologias convencionais e invisibilizado pelo determinismo tecnológico.